

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Falantes de Português e as Formas Não Binárias: O Que Dizem as Justificativas dos Participantes Sobre suas Atitudes Linguísticas?

Denise Maria Osborne, Grazielle Altino Frangiotti

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18112>

Submetido em: 2026-09-20

Postado em: 2026-10-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

FALANTES DE PORTUGUÊS E AS FORMAS NÃO BINÁRIAS: O QUE DIZEM AS JUSTIFICATIVAS DOS PARTICIPANTES SOBRE SUAS ATITUDES LINGUÍSTICAS?

PORTUGUESE SPEAKERS AND NONBINARY FORMS: WHAT DO PARTICIPANTS' JUSTIFICATIONS REVEAL ABOUT THEIR LINGUISTIC ATTITUDES?

Tipo de Contribuição: Relato de Pesquisa

Graziele Altino Frangiotti

Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis, Santa Catarina. grazielefrangiotti@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6087-7005>.

Denise Maria Osborne

Cornell University. Department of Romance Studies. Ithaca, New York. dmo67@cornell.edu. <https://orcid.org/0000-0002-9218-3101>.

RESUMO: Este estudo investiga as atitudes de falantes de português em relação ao uso de formas não binárias (por exemplo, *amigues*), com foco no morfema -e como marca de gênero não binário. Trata-se da etapa qualitativa de um projeto de pesquisa mais amplo, complementar a um estudo quantitativo anterior sobre compreensão, aceitação e uso dessas formas (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025). A partir das respostas discursivas de 249 participantes de 14 países a uma questão aberta de um questionário online, aplicou-se a análise temática (Braun & Clarke, 2006) para identificar os pensamentos, sentimentos e comportamentos subjacentes aos posicionamentos expressos. Os dados foram codificados com o auxílio do software MAXQDA e as análises estatísticas foram conduzidas no software R. Os resultados revelam predominância de atitudes positivas (57,1%) frente às formas não binárias, sustentadas por argumentos linguísticos e sociais, ainda que parte das respostas positivas apresente ressalvas relacionadas a hábito, contexto comunicativo ou expectativa de difusão. As atitudes negativas (28,6%) mobilizam, por sua vez, concepções sobre a inexistência ou agramaticalidade das formas, a suficiência do masculino genérico e posicionamentos sociopolíticos. Constatou-se ainda que o gênero e idade constituem preditores estatisticamente significativos e independentes entre si, com participantes mais jovens e do gênero feminino demonstrando maior aceitação das formas não binárias. Os achados evidenciam que as atitudes linguísticas constituem um fenômeno multidimensional, no qual avaliação positiva e uso não são necessariamente coincidentes, reforçando a relevância de pesquisas para qualificar o debate sobre linguagem e diversidade de gênero no português.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas. Formas não binárias. Análise temática. Língua portuguesa.

ABSTRACT: This study investigates the attitudes of Portuguese speakers toward the use of nonbinary forms (e.g., *amigues*), focusing on the morpheme -e as a nonbinary gender marker. It constitutes the qualitative stage of a broader research project, complementary to a previous quantitative study on the comprehension, acceptance, and usage of these forms (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025). Based on the discursive responses of 249 participants from 14 countries to an open-ended question in an online questionnaire, thematic analysis (BRAUN; CLARKE, 2006) was applied to identify the thoughts, feelings and behaviors underlying the positions expressed. The data were coded with the aid of MAXQDA software, and the statistical analyses were conducted using R software. The results reveal a predominance of positive attitudes (57.1%) toward nonbinary forms, supported by linguistic and social arguments, although some positive responses present caveats related to habit, communicative context, or expectations of diffusion. Negative attitudes (28.6%), in turn, mobilize conceptions regarding the nonexistence or ungrammaticality of the forms, the sufficiency of the generic masculine, and sociopolitical positionings. Gender and age were also found to be statistically significant and independent predictors of attitude type, with younger and female participants showing greater acceptance of nonbinary forms. The findings show that linguistic attitudes constitute a multidimensional phenomenon, in which positive evaluation and usage do not necessarily coincide, reinforcing the relevance of research for informing the debate on language and gender diversity in Portuguese.

KEYWORDS: Linguistic attitudes. Nonbinary forms. Thematic analysis. Portuguese language.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Palavras como *amigues* ou *todes* são formas criadas para incluir, na língua portuguesa, pessoas que não se identificam nem como homem, nem como mulher. Neste estudo, quisemos entender o que as pessoas pensam e sentem sobre esse tipo de linguagem. Para isso, perguntamos a 249 pessoas, de diferentes países, o que elas achavam do uso dessas formas no dia a dia e analisamos com cuidado o que cada participante respondeu. Descobrimos que a maioria das pessoas (mais da metade) tem uma opinião positiva sobre essas formas, mesmo que alguns ainda sintam estranheza ou não as usem no cotidiano. Outra parte das pessoas discorda do uso dessas formas, alegando que elas ou não existem na língua, ou usando argumentos pessoais ou políticos. Também percebemos que mulheres e pessoas mais jovens tendem a ser mais favoráveis a essa mudança na língua. Esses resultados mostram que aceitar uma forma de falar e realmente usá-la são coisas diferentes. Entender melhor essas opiniões podem ajudar a esclarecer um debate atual e importante sobre linguagem e diversidade de gênero na língua portuguesa.

1. Introdução

As formas não binárias constituem uma estratégia linguística empregada para a autorreferência e para a referência a pessoas que não se identificam com a binariedade de gênero socialmente convencionalizada, podendo também ser utilizadas como recurso para evitar a marcação de gênero em determinados contextos comunicativos. Embora usos como “todes” e “amigues”, que trazem o morfema –e como marca não binária, permeiem a vida diária, estando presentes nas redes sociais, assim como em matérias jornalísticas veiculadas em diferentes meios de comunicação (por exemplo, HISING, 2025; MORNING SHOW, 2021),

ainda são pouco numerosos os estudos científicos que recorrem a dados empíricos para entender a situação dessas formas no português brasileiro (BALDEZ, 2024; BENTES; BORBA; CRUZ, 2026; CARVALHO, 2024).

Com o intuito de informar esse debate, um artigo anterior (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025) apresentou os resultados quantitativos de um estudo que investigou a percepção de falantes de português como língua materna (L1) e como língua estrangeira/segunda língua (L2) acerca das formas não binárias (NB) do português, com foco no morfema -e (como em “amigues”). Um questionário online foi aplicado a 248 participantes de 14 países, majoritariamente Brasil e Estados Unidos, os quais avaliaram 14 frases contendo formas não binárias, binárias, padrão e não padrão segundo três critérios: entendimento, aceitação e uso.

Os achados da pesquisa mostraram que o morfema inovador é amplamente compreendido por falantes de português (83% dos participantes), sendo que o seu processo de difusão na língua segue um padrão bastante estável: é mais compreendido que aceito e mais aceito que usado, independentemente do grupo social considerado. Além disso, constatou-se que a forma não binária investigada suscita índices de rejeição inferiores aos observados para outras formas não padrão, como a ausência de marcação de plural em sintagmas nominais (*os livro*), indicando maior abertura dos participantes às formas não binárias quando comparadas a variantes tradicionalmente estigmatizadas. As autoras concluem que essas formas encontram-se em estágio inicial de incorporação ao sistema linguístico, sugerindo uma possível hierarquia de prestígio entre variantes não hegemônicas do português.

Expandindo essa análise, buscamos neste estudo examinar os argumentos apresentados pelos participantes nas respostas às perguntas abertas da pesquisa, nas quais justificam seus posicionamentos. Por meio da análise qualitativa, investigamos as atitudes dos participantes em relação à forma não binária sob exame, extraíndo de suas opiniões elementos linguísticos que revelam crenças, sentimentos, comportamentos e ideologias subjacentes a seus discursos.

A separação entre a análise quantitativa, apresentada em estudo anterior (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025) e a análise qualitativa dos dados, conduzida no presente artigo, justifica-se tanto por razões metodológicas quanto de escopo. Embora os dados tenham sido coletados por meio do mesmo instrumento de pesquisa, os dois tipos de análise demandam abordagens epistemológicas distintas: enquanto a análise quantitativa buscou identificar padrões estatísticos de entendimento, aceitação e uso das formas não binárias entre diferentes grupos de falantes, a análise qualitativa aqui proposta tem como objetivo aprofundar a compreensão desses padrões a partir das justificativas discursivas oferecidas pelos próprios participantes. Essa divisão permite que cada conjunto de dados seja tratado com o rigor analítico apropriado

à sua natureza, evitando a superficialização de achados que exigem interpretação mais detida, como é o caso das crenças, sentimentos e ideologias subjacentes aos discursos dos respondentes. Além disso, a extensão e a complexidade de ambas as análises tornariam inviável sua apresentação conjunta em um único artigo, sem comprometer a profundidade necessária para cada abordagem.

2. Revisão de literatura

Como já observado, o campo de estudos empíricos dedicados às formas não binárias no português brasileiro ainda está em consolidação. Para situar, ainda que brevemente, o estado atual dessa discussão, apresentamos a seguir um panorama de pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre o tema, que têm contribuído para o avanço dessa área de investigação.

Bentes, Borba e Cruz (2026) examinaram a estilização da linguagem de gênero neutro em textos online a partir de dois *corpora*: 149 textos de páginas feministas e 20 textos de autores não binários (os autores utilizam o termo linguagem neutra como uma categoria guarda-chuva que engloba tanto linguagem inclusiva como formas não binárias). Como resultado, o estudo identificou cinco estratégias de linguagem de gênero neutro: coordenação binária (amigo/as), coordenação tripartite (todos, todas e todes), substituição pelo morfema -e (amigues) e uso exclusivo do feminino, além de estratégias lexicais como hiperônimos (por exemplo, *pessoas*). Além disso, a pesquisa constatou que, enquanto nos textos feministas, os recursos da linguagem de gênero neutro tendem a ser usados somente na abertura ou no fechamento dos textos, funcionando como um marcador emblemático de compromisso com a inclusão, nos textos escritos por pessoas não binárias, esses recursos são encontrados consistentemente ao longo de todo o texto, desempenhando função tanto emblemática quanto textual. Essa diferença qualitativa encontrada entre o ativismo feminista e o ativismo não binário sugere que linguagem inclusiva e linguagem não binária não devem ser tratadas como sinônimos ou como um mesmo movimento político-linguístico, apesar de compartilharem a pauta de representação mais equitativa.

Uma análise do uso da marcação de gênero não binário no português brasileiro foi realizada a partir da análise de 3.446 ocorrências de substantivos, adjetivos e pronomes (por exemplo, a flexão -e e pronomes neutros como *elu*, *ilu* e *mi*) coletados de tuítes publicados por três participantes no segundo semestre de 2020 (BALDEZ, 2024). Sua análise estatística mostra que a probabilidade do uso da forma não binária aumenta consideravelmente nos seguintes casos: quando a palavra é um adjetivo (*fofinhe*), o assunto é sobre identidade de gênero ou relacionamento afetivo e quando há generalização. A análise também mostra que há

variação, mesmo entre os participantes que mais utilizam a marcação não binária: as formas masculinas e femininas ainda predominam quantitativamente, sugerindo que o gênero neutro coexiste com o sistema binário sem substituí-lo. A autora acrescenta que o fenômeno funciona tanto como prática linguística de resistência ao binarismo de gênero quanto como marcador identitário dentro da comunidade de prática observada.

A relação entre atitudes e percepções e a possibilidade de adoção de neopronomes e outras estratégias de linguagem não binária é investigada em Carvalho (2024). Metodologicamente, a pesquisa consistiu em um experimento não cronométrico realizado com 144 participantes que responderam a um questionário online. A maioria dos respondentes era jovens, cisgênero, de nível escolar superior completo e de perfil político progressista. O estudo revelou uma divergência marcante: embora a maioria dos participantes se declarasse favorável e apoiasse pautas de igualdade de gênero e justiça social assim como a ideia de que a língua poderia mudar, essa postura não se estendeu de forma consistente quanto à aceitação de pronomes não binários. Quando confrontados com tarefas concretas, como escolher pronomes para preencher frases com referentes de leitura genérica, a maioria recorreu ao masculino genérico tradicional (*ele/eles*). Esse resultado evidencia um conflito entre convicções políticas progressistas e ideologias linguísticas conservadoras, fornecendo evidências de que a adesão a pautas progressistas não garante, por si só, a superação do conservadorismo linguístico.

Na esteira de trabalhos como o desenvolvido por Carvalho (2024), também na presente pesquisa focalizamos os julgamentos produzidos pelos usuários da língua com o intuito de identificar suas atitudes em relação às formas não binárias. Para tanto, nos apoiamos em Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 7), que definem atitudes linguísticas “como qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes”. Na dimensão cognitiva se situam as crenças, os conhecimentos e as representações que os falantes constroem sobre a língua, seu funcionamento e seus usos socialmente legitimados. Na dimensão afetiva, estão os sentimentos despertados por uma dada forma linguística. Finalmente, na dimensão comportamental, está a predisposição à produção concreta de uma dada forma linguística.

Decorre dessa constituição tripartida que uma pessoa que possui crenças e sentimentos positivos frente a uma determinada forma linguística apresenta maior propensão a usá-la, enquanto crenças e sentimentos negativos tendem a suscitar ações de rejeição à forma, o que levaria à sua não utilização (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). A identificação desse padrão ajuda a compreender a relevância do estudo das atitudes linguísticas para a Sociolinguística, uma vez que o mapeamento da percepção dos falantes em relação às formas linguísticas

(sobretudo inovadoras) produz subsídios para a predição de seu desenvolvimento, fornecendo material fundamental para a compreensão dos processos de variação e mudança linguística.

Neste estudo, parte-se da premissa que, ao expressarem opiniões sobre a frase que contém a forma *amigue* na qual o morfema -e como marca de gênero não binário, os participantes não avaliam apenas uma inovação morfológica, mas também mobilizam suas crenças sobre norma, mudança linguística, identidade, pertencimento e legitimidade dos usos da língua. Essas respostas revelam, assim, percepções que extrapolam o plano estritamente estrutural ao refletirem valores e posicionamentos socialmente construídos. Na próxima seção, descrevemos detalhadamente o estudo conduzido, incluindo a caracterização dos participantes e a metodologia adotada para análise dos dados.

3. O presente estudo

O presente trabalho constitui a etapa qualitativa de um projeto de pesquisa mais amplo, cuja análise exclusivamente quantitativa foi publicada anteriormente (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025). Ainda que o estudo quantitativo e o presente estudo tenham sido realizados a partir da mesma coleta de dados, devem ser compreendidos como investigações complementares, porém metodologicamente independentes, como explicado anteriormente. Por exemplo, na etapa exclusivamente quantitativa, foram adotados critérios específicos de inclusão em função dos procedimentos estatísticos empregados, o que resultou na exclusão de participantes com informações demográficas incompletas ou com dados insuficientes. Em contraste, o presente estudo privilegia a análise qualitativa e, portanto, inclui todos os participantes que responderam total ou parcialmente às questões discursivas presentes no questionário. Consequentemente, o conjunto de participantes analisados neste estudo ($n=249$) difere daquele considerado no estudo quantitativo anterior ($n=248$). Embora essa diferença seja pequena, ela é reportada para garantir transparência metodológica.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário elaborado em português e em inglês por meio da plataforma *Qualtrics*. A disponibilização do instrumento em ambas as línguas teve como objetivo permitir que todos os participantes, incluindo aprendizes de português, tivessem a mesma possibilidade de responder às perguntas, evitando que o nível de proficiência dos aprendizes constituísse um obstáculo à participação. Entretanto, as frases contendo formas não binárias (por ex., *amigues*) foram mantidos em português na versão em inglês do questionário. A versão completa do questionário em português encontra-se disponível no Material Suplementar Online, cujo link está disponível no final deste artigo.

O questionário foi divulgado por meio de diferentes canais, incluindo e-mails, redes sociais e contatos pessoais e profissionais das pesquisadoras. O recrutamento seguiu uma estratégia de amostragem por redes de contato, conhecida como *snowball sampling*, na qual os participantes iniciais indicam novos participantes, ampliando progressivamente a amostra. Essa estratégia é frequentemente empregada em estudos exploratórios por facilitar o acesso a populações de difícil alcance e recomendada para estudos qualitativos (NADERIFAR; GOLI; GHALJAIE, 2017). É importante ressaltar, no entanto, que o *snowball sampling* não garante representatividade populacional uma vez que a amostra pode refletir as redes de contato das pesquisadoras, o que limita a generalização dos resultados para além da amostra analisada. Apesar dessa limitação, este estudo apresenta relevância tanto pelo número expressivo de participantes quanto por investigar uma área que necessita maior compreensão empírica. Os dados foram coletados entre 15 de outubro a 23 de dezembro de 2024. A pergunta aberta do questionário que analisaremos neste estudo é: “O que você acha da frase ‘*Amigues, ontem a festa foi maravilhosa?*’ Por favor, dê sua opinião e a justifique no espaço abaixo”.

As análises das respostas à pergunta aberta foram conduzidas de modo a responder à seguinte pergunta de pesquisa: (PP) Quais atitudes os participantes expressam em relação ao uso de formas não binárias no português brasileiro (por exemplo, *amigues*)?

3.1 Participantes

No total, 333 participantes iniciaram o preenchimento do questionário online. Desses, 295 acessaram a versão em português, dos quais 67 (22,71%) foram excluídos; 38 acessaram a versão em inglês, dos quais 7 (18,42%) foram excluídos. A exclusão se deu por falta de respostas em partes fundamentais do instrumento. Dos 259 participantes restantes, 10 não responderam à pergunta aberta que é o foco deste estudo (9 no questionário em português e 1 no inglês). Estes participantes foram então excluídos da análise. O total dos participantes deste estudo é então 249, sendo que 219 responderam a versão em português e 30, a versão em inglês. Para facilitar o processo de análise dos dados, as respostas à pergunta aberta em inglês foram traduzidas para o português.

A maioria dos participantes declarou residir no Brasil ($n=146$; 58,6%), seguido dos Estados Unidos ($n=63$; 25,3%), Portugal ($n=17$; 6,8%) e Angola ($n=5$; 2%). Houve dois participantes da Colômbia e um participante de cada um dos seguintes países: Canadá, Dinamarca, Escócia, Irlanda, Itália, Japão, México, Moçambique, Noruega e Suécia. Do total de participantes, cinco não responderam sobre o país onde moravam.

Detalhes das informações demográficas dos participantes são apresentadas na Tabela 1. As idades variam entre 18 e 77 anos. Para investigar se a distribuição das idades é homogênea, um boxplot foi gerado (o gráfico com a distribuição das idades encontra-se no Material Suplementar Online). O gráfico revelou uma assimetria na distribuição das idades, isto é, a maior concentração de participantes está entre 20 e 45 anos. Por causa da distribuição assimétrica, reportaremos o 1º quartil (onde estão os 25% mais jovens) e o 3º quartil (os estão os 25% mais velhos da amostra), juntamente com a mediana e a média. A Tabela 1 mostra que os 25% mais jovens têm até a idade de 23 anos (1º quartil), enquanto os 25% mais velhos da amostra têm 45 anos ou mais (3º quartil). Do total de participantes, cinco não responderam sobre a idade.

Com relação à experiência do participante com a língua portuguesa, os participantes foram divididos em dois grupos: L1 (participantes que têm o português como língua materna) e L2 (aprendizes de português como segunda língua ou língua estrangeira, incluindo tanto participantes que estavam ou já estiveram em contextos formais de ensino quanto os falantes de herança).

Tabela 1. Características demográficas dos participantes ($n=249$). Dados ausentes: 1 para gênero e 5 para idade. Frequências absolutas seguidas das respectivas porcentagens. F (feminino); M (masculino); NB (não binário); PND (prefiro não dizer); EQ (em questionamento contínuo); $\bar{x}$ (média); Md (mediana); Min (mínimo); Max (máximo); Ph.D. (doutorado); Me. (mestrado); ES (ensino superior); EM (ensino médio); EF (ensino fundamental); L1 (português como língua materna); L2 (aprendizes de português).

Gênero	Idade (em anos)	Instrução	Relação com a língua portuguesa
F: 168 (67,5%)	$\bar{x}$: 36,09	Ph.D.: 58 (23,3%)	L1: 200 (80,3%)
M: 69 (27,7%)	Md: 34	Me.: 49 (19,7%)	L2: 49 (19,7%)
NB: 8 (3,2)	1º quartil: 23	ES: 123 (49,4%)	
PND: 2 (0,8)	3º quartil: 45	EM: 18 (7,2%)	
EQ: 1 (0,4)	Min: 18	EF: 1 (0,4%)	
	Max: 77		

Fonte: elaborada pelas autoras (2026)

3.2 Procedimentos da análise qualitativa

O método qualitativo selecionado foi a análise temática por constituir uma abordagem ao mesmo tempo estrutural e reflexiva para a detecção de padrões nas respostas à pergunta aberta. Para essa análise, seguimos as seis fases estabelecidas por Braun e Clarke (2006) e usamos a lista de 16 itens para verificação da qualidade da análise sugerida por Ahmed et al. (2025). A análise temática mostra-se um método particularmente adequado aos objetivos desta pesquisa devido à sua flexibilidade e ao fato de o processo ser fundamentado nos próprios dados, em vez de ser orientado por pressupostos teóricos prévios (DE PAOLI, 2024). O fato de os temas emergirem dos dados, em vez de serem impostos arbitrariamente, é especialmente relevante para a análise de percepções e atitudes com relação às formas não binárias, pois possibilita uma exploração mais aberta e sensível das crenças e sentimentos dos participantes acerca desse fenômeno, que é simultaneamente linguístico e social, além de marcado por valores e posicionamentos ideológicos (por ex., KNISELY, 2023). Além disso, permitir que os temas sejam desenvolvidos a partir dos próprios dados está diretamente relacionado à perspectiva das pesquisadoras de que o conhecimento científico deve ser construído com base em evidências, mantendo abertura para aquilo que os dados sustentam, refinando ou mesmo contradizendo hipóteses iniciais.

Além da sistematicidade e do rigor da análise (AHMED et al., 2025; BRAUN; CLARKE, 2006), as pesquisadoras deste estudo realizaram discussões conjuntas periódicas sobre os códigos e os temas desenvolvidos ao longo do processo analítico, revisando as interpretações, questionando pressupostos e refinando os temas identificados. Esse processo contribuiu para assegurar que os temas permanecessem fundamentados nos dados. A organização, codificação e análise dos dados foram realizados com o auxílio do software MAXQDA 26 (VERBI Software, 2026), que possibilitou o gerenciamento sistemático do corpus e a atribuição de códigos. Cálculos de estatística descritiva foram feitos usando o software R (versão 4.5.1; R Core Team, 2025).

Antes de iniciar a codificação, as pesquisadoras leram as respostas e observaram que elas giravam em torno de uma atitude negativa ou positiva em relação às formas não-binárias; havia também algumas respostas ambíguas ou incompreensíveis. Além disso, foi possível perceber, ainda nessa fase, que os argumentos apresentados eram ora de natureza linguística ora social ou política. Com base nessa primeira leitura, foi criado o *codebook*, isto é, a lista de códigos que seria utilizada na etapa de codificação. Essa abordagem se situa entre a codificação puramente indutiva (e.g., BRAUN; CLARKE, 2006) e a puramente dedutiva (codificando a *priori*): as categorias foram desenvolvidas a partir do que os dados continham (parte indutiva) e, em seguida, aplicadas sistematicamente aos dados (parte dedutiva). Antes de iniciar a

codificação completa, as pesquisadoras codificaram separadamente uma amostra de respostas e compararam os resultados, a fim de calibrar a aplicação do *codebook* e garantir maior consistência entre as codificações. A codificação integral foi feita pelas duas pesquisadoras e as divergências encontradas foram discutidas e resolvidas por consenso. Cabe notar também que respostas que apresentavam mais de uma dimensão simultaneamente receberam mais de um código (por exemplo, um argumento linguístico e um argumento social na mesma resposta).

Em estudos anteriores, as atitudes foram normalmente classificadas como negativas ou positivas. No entanto, há situações em que as opiniões dos participantes não permitem identificar uma posição clara. Na literatura, essas ocorrências são interpretadas ora como “atitude neutra” (BOTASSINI, 2015, p. 115) ora como “ausência de atitude” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). A nosso ver, no entanto, a adoção do adjetivo “neutro” em qualquer categorização no âmbito linguístico/social é problemática: além de ser cientificamente impreciso, afinal, nenhuma linguagem é neutra (FREITAG, 2024), o termo sugere uma falsa ideia de ausência de ideologia, quando, na verdade, não enxergamos nessas falas uma ausência completa de atitude. Optamos, portanto, por utilizar a etiqueta “ambígua”, entendendo que, da perspectiva do pesquisador, esse tipo de julgamento envolve uma impossibilidade de identificar com clareza o posicionamento do participante. No Quadro 1, apresentamos os códigos utilizados.

Quadro 1. Formulação dos códigos usados na análise à resposta sobre as percepções das formas não binárias na língua portuguesa.

Tipo de resposta	Código
Positiva com argumentos linguísticos	pos_ling
Positiva com argumentos sociais	pos_soc
Positiva, mas condicionada	pos_cond_contexto
Ambígua ou incompreensível, que não permite identificar atitude positiva ou negativa	ambíguo
Negativa com argumentos linguísticos	neg_ling
Negativa com argumentos sociais	neg_soc
Negativa com argumentos sociopolíticos	neg_soc_pol

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

4. Resultados

Para responder à pergunta de pesquisa, (PP) *Quais atitudes os participantes expressam em relação ao uso de formas não binárias no português brasileiro (por exemplo, amigos)?*, analisamos todas as respostas fornecidas à pergunta “O que você acha da frase ‘*Amigos, ontem a festa foi maravilhosa.*’?”. Essa pergunta tem por objetivo eliciar a percepção sobre o morfema inovador -e, tendo sido formulada de modo a apresentar a forma não binária isoladamente, sem que elementos linguísticos adicionais pudessem influenciar as respostas. A Tabela 2 apresenta o resultado da atribuição dos códigos às respostas.

Tabela 2. Distribuição dos códigos no corpus investigado. Note que o número total de códigos ($n=252$) é superior ao número de respostas ($n=249$) porque duas respostas receberam mais de um código simultaneamente (uma recebeu dois e outra recebeu três códigos).

Categoria	Frequência	%
pos_ling	40	15,9
pos_soc	59	23,4
pos_cond_contexto	45	17,9
ambíguo	36	14,3
neg_ling	55	21,8
neg_soc	11	4,4
neg_soc_pol	6	2,4
Total de códigos aplicados		252

Fonte: elaborada pelas autoras (2026).

Como mostra a Tabela 2, foram identificadas três grandes categorias de atitudes: positivas, negativas e ambíguas. A maioria das respostas revela atitude positiva dos participantes em relação ao uso de “amigos” ($n=144$; 57,1%), enquanto as atitudes negativas atingiram 28,6% da amostra ($n=72$) e o restante apresentou respostas classificadas como ambíguas ($n=36$; 15,3%). Observando esses dados gerais, portanto, nota-se que a postura dos participantes revela abertura em relação à frase contendo o vocativo *amigue*. A seguir passamos à análise das justificativas para examinarmos se há nelas índices relacionados à dimensão cognitiva, afetiva e comportamental.

4.1 Atitudes positivas

Nas 144 ocorrências de atitudes positivas, os argumentos que sustentam o apoio às formas não binárias foram classificados em três tipos: a) de natureza linguística (27,78%; $n=40$); b) de natureza social (40,97%; $n=59$) e c) e de apoio com ressalvas (31,25%; $n=45$).

a) Atitudes Positivas com argumentos linguísticos

Quando os argumentos são de ordem linguística, alguns participantes alicerçam sua posição na compreensibilidade e funcionalidade das formas não binárias. Alguns exemplos dessas opiniões são:

1. *“Compreensível, fácil de usar e, pelo menos no meu entendimento, inclui pessoas com qualquer identidade de gênero...”* (10_PORT)
2. *“O uso do pronome neutro não interfere no significado e compreensão da oração.”* (190_PORT)

Essas respostas confirmam o que já tínhamos constatado no artigo quantitativo (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025), quando verificamos que a maioria dos usuários do português diz compreender as formas NB (por ex., *amigue*), o que contradiz argumentos desfavoráveis ao seu emprego que se embasam justamente na visão de que o morfema -e seria de difícil compreensão pelos brasileiros.

As respostas também revelam que, na percepção dos falantes, as formas não binárias preenchem uma lacuna estrutural da língua:

1. *“Indica uma terceira opção de identidade de gênero, como já ocorre no inglês, com ‘it’ e ‘they’.”* (65_PORT)
2. *“Não precisamos ficar presos ao masculino e feminino institucionalizado pela gramática.”* (95_PORT)
3. *Não vejo problema em usar palavras neutras, mesmo que elas não sejam gramaticalizadas.* (232_PORT)

Esses participantes deixam clara a sua crença em uma concepção de língua que oferece abertura estrutural suficiente para responder a demandas sociais, inclusive partindo de exemplos do que ocorre em outros cenários linguísticos, como apontado no primeiro excerto. Ao se posicionarem contrários a uma gramática rígida que, em suas palavras, estaria “prendendo” os indivíduos em classificações institucionalizadas, colocam-se em evidente oposição a ideologias linguísticas conservadoras, sobretudo porque destacam que o uso linguístico pode extrapolar o que está descrito em instrumentos de uniformização linguística, como as gramáticas normativas.

Um terceiro grupo de respostas destacou a economia linguística da forma não binária, que ajudaria a evitar repetição das formas binárias masculina e feminina. Além disso, nesse grupo, nota-se que as formas não binárias estão sendo entendidas como uma alternativa “universal” para expressar diferentes gêneros, o que concorre com a compreensão de que essa forma seria usada exclusivamente para a referência a pessoas de gênero não binário:

1. *“Justa. Não implica com repetições.”* (189_PORT)
2. *“É uma forma de universalizar a frase, incluindo todos os gêneros e também substituindo o universal masculino...”* (166_PORT)
3. *“Acho inclusiva, pois o uso de “amigues” pode não apenas fazer referência específica a indivíduos não binários, mas ser um generalizante (em substituição ao masculino “genérico”, predominante e ainda preferível pelo Português Padrão)”* (228_PORT)

Finalmente, os argumentos linguísticos de apoio às formas não binárias também trazem a questão da mudança natural das línguas e apresentam, em diversos momentos, uma percepção positiva que se justapõe a uma predisposição ao uso:

1. *“Acho uma evolução justa da língua portuguesa.”* (56_PORT)
2. *“As línguas são vivas e dinâmicas e podem sempre mudar.”* (53_PORT)
3. *“Acho normal e fácil de usar.”* (250_PORT)
4. *“Acho uma frase comum, que eu usaria no dia a dia com meus amigos”* (295_PORT)

Essas justificativas mostram, em primeiro lugar, que, na amostra considerada, há falantes que adotam uma concepção de língua como algo dinâmico e suscetível à variação. Além disso, confirma-se a relação entre dimensão cognitiva, afetiva e comportamental, na medida em que se detectam pareceres positivos em que o emprego de adjetivos como “normal”, “comum”, “ótimo”, índices ligados à dimensão cognitiva, está associado à propensão ao uso, como em “fácil de usar”, “eu usaria no dia a dia”.

b) Atitudes positivas com argumentos sociais

Quanto aos argumentos sociais de apoio às formas não binárias (a categoria mais frequente entre as respostas), o subgrupo mais numeroso expressa inclusão e respeito, muitas vezes de forma direta e sucinta. É interessante observar que o lexema inclu- (com o vocábulo inclusão, mas também suas variantes, inclusivo, incluir, etc.) aparece neste subgrupo em quase metade das respostas (47%; $n=28$ em um total de 59). Algumas dessas respostas são:

1. *“Bem inclusiva.”* (55_PORT)
2. *“Acho que pode ser usada em um contexto no qual se busca mais inclusão, no qual a ideia de binarismo não abarca todas as demandas sociais.”* (101_PORT)

Um segundo grupo de respostas se centra no respeito à autoidentificação, justificando o uso da forma não binária a partir do desejo do interlocutor, revelando empatia e apoio às pessoas não binárias:

1. *“Quem se identifica com o pronome neutro gostaria de ser tratado dessa forma.”* (23_PORT)
2. *“Se há pessoas que se identificam com pronome neutro, não há por que não usar.”* (180_PORT)

Outras respostas se ancoram na imagem que querem projetar de si e na vivência pessoal das pessoas participantes, relacionando o uso das formas à própria identidade ou prática cotidiana. É interessante observar que em algumas dessas respostas foram usadas as formas não binárias. Isso é particularmente relevante porque se trata de uma aplicação produtiva, o que sugere um uso genuinamente mais internalizado.

1. *“Eu costumo usar ‘amigues’ ou ‘gente’ quando falo com pessoas conhecidas porque eu gosto de ser inclusiva.”* (98_PORT)
2. *“Uma frase comum para o meu dia a dia como pessoa queer que me preocupa com inclusão de outres e abertura para incluir todes da forma mais simples e agregadora...”* (162_PORT)
3. *“Acho essa frase inclusiva com as pessoas do gênero não-binárie.”* (45_PORT)

Assim como no subgrupo com justificativas linguísticas, também aqui foi possível verificar uma oscilação entre a compreensão do uso de formas não binárias como circunscrita à referência a pessoas que não se identificam com os gêneros feminino e masculino e aquela que vê no morfema -e uma solução para contemplar igualmente todos os gêneros:

1. *“É uma frase boa. Inclui quem não se identifica nem com o gênero masculino, nem com o feminino.”* (57_PORT)
2. *Acredito que é uma forma de inclusão de pessoas não binárias, pessoas trans e até pessoas cis, porque inclui todas as pessoas no discurso.* (145_PORT)

c) Atitudes positivas com ressalvas

As respostas que se encaixam no perfil de respostas a favor do uso de formas não binárias, mas de alguma forma atreladas a condicionamentos, foram 45. A análise dessas respostas identificou quatro subgrupos. Um primeiro grupo reconhece a legitimidade da forma, mas não mudaria o próprio comportamento linguístico:

1. *“Aceito, mas não uso por falta de hábito.”* (42_PORT)

2. “*Não vejo problema em usar, acho inclusivo, mas não consigo mudar o hábito e falar assim.*” (251_PORT)
3. “*Não vejo problema na frase mas ainda não consigo usar por ser já uma pessoa idosa.*” (234_PORT)

Essas falas mostram que, embora pensamentos positivos possam estar vinculados a comportamentos positivos, não há relação determinística entre essas dimensões. Além disso, as respostas revelam uma visão de língua enquanto prática, hábito cotidiano e, por conseguinte, alicerçam a falta de uso à dificuldade em mudar o hábito.

Outro tipo de condicionamento apresentado diz respeito ao contexto da fala, por exemplo, relacionando o uso ao grau de intimidade com os interlocutores e ao grau de formalidade:

1. “*Usável em contextos informais.*” (208_PORT)
2. “*Uma tentativa de inclusão de gênero sendo representada linguisticamente. Eu a usaria, mas não em todos os contextos*”. (2_PORT)
3. “*Acredito que possa ser usada em uma situação de mais intimidade em que se sabe que há pessoas no grupo que não se identificam como homem ou mulher.*” (43_PORT)
4. “*...se for um contexto que você não tem intimidade com as pessoas, é mais usável.*” (106_PORT)

As três primeiras respostas parecem apontar para uma marcação diafásica do morfema -e, dando indícios de que a forma pode estar se difundindo mais rapidamente em variedades informais do português, o que seria explicado pelo fato de que, nesses contextos, normalmente se tem maior intimidade com os interlocutores e se conhecem suas preferências de autorreferência (indo ao encontro do posicionamento empático detectado anteriormente). Por outro lado, a última resposta mostra que, dada sua condição como forma inovadora, ainda não se tem total consenso quanto à sua distribuição nos diferentes contextos situacionais, sendo plausível supor que, para esse falante, o fato de não conhecer o grupo ao que se dirige promoveria o uso de *amigue* como alternativa universal. Segundo essa lógica, pode-se supor que, em contextos de informalidade, o morfema inovador estaria sendo usado como forma de (auto)referência a pessoas que se identificam com o gênero neutro, enquanto em contextos formais, seria empregado para contemplar todos os interlocutores, independentemente do gênero.

Há um grupo de respostas que demonstram estranhamento ou desconforto, apesar da aceitação das formas:

1. *“Acho estranha, mas aceitável.”* (51_PORT)
2. *“É estranha e um pouco ridícula para mim, mas entendo e usaria se fizesse alguém se sentir mais confortável.”* (131_PORT)

Essas opiniões ratificam achado anterior segundo o qual as três dimensões das atitudes não se determinam mutuamente, pois, nos exemplos, observa-se sentimento negativo (“estranha”) que se opõe a pensamento positivo (“aceitável”); e sentimentos negativos (“estranha”, “ridícula”) que se opõem a comportamento positivo (“usaria”).

Finalmente, há um grupo de respostas em que se aceita a intenção, mas se duvida da adoção ampla das formas não binárias:

1. *“Aprecio o esforço para incluir diferentes identidades de gênero, mas não acho que esse tipo de estrutura será amplamente aceita e utilizada. A língua portuguesa é flexionada demais para adaptar facilmente a formas completamente neutras em termos de gênero.”* (28_ENG)
2. *“Acho bastante compreensível e fácil de produzir forma oral e escrita. No entanto, noto que seu uso se limita a um pequeno nicho e, por vezes, é usada de forma não muito séria...”* (246_PORT)

Esses posicionamentos, como se vê, ora mencionam obstáculos de ordem estritamente linguística, como a própria organização do português, ora expressam o contraste em relação às formas não binárias sustentando-o em fatores extralinguísticos, como a limitação do uso a nichos da sociedade ou a usos definidos como “não muito sérios”.

4.2 Atitudes negativas

a) Atitudes Negativas com argumentos linguísticos

As respostas que revelaram oposição às formas não binárias com argumentos linguísticos ($n=55$) foram agrupadas em quatro subgrupos a partir do tipo de argumentação apresentada. Um primeiro grupo justifica a rejeição com a alegação de que formas não binárias não fazem parte do português:

1. *“A palavra amigues não existe na língua portuguesa.”* (94_PORT)
2. *“...‘amigues’ não faz parte da língua portuguesa. Assim como qualquer pronome neutro...”* (96_PORT)

Relacionadas a esse subgrupo, foram também encontradas respostas fundamentadas na agramaticalidade das formas não binárias:

1. *“Acho agramatical...”* (122_PORT)
2. *“Gramaticalmente incorreta.”* (195_PORT)

3. “*Me parece gramaticalmente incorreta...*” (221_PORT)

Esses dois subgrupos colocam em evidência uma visão de língua mais próxima à perspectiva tradicional, segundo a qual apenas fazem parte de uma língua aqueles aspectos já reconhecidos e estabilizados na norma padrão. Nessa ótica, com base na concepção de língua que se tem como algo independente do uso concreto dos falantes de uma língua, formas inovadoras são interpretadas como inexistentes ou mesmo como agramaticalidades, desvios, erros. Ao afirmarem que *amigues* “não existe” ou que é “agramatical” em português, os participantes rejeitam a forma linguística e mobilizam uma concepção específica de língua que sustenta que uma forma só pode ser reconhecida como parte da língua quando legitimada pelos instrumentos de normatização, como em gramáticas normativas.

Outro argumento bastante recorrente é o de que a forma masculina já é usada como neutra ou genérica, não havendo, portanto, necessidade de uma forma nova:

1. “*...o uso do masculino ‘amigos’ engloba todos os gêneros.*” (11_PORT)
2. “*Acredito que a inclusão de um novo termo na língua portuguesa é desnecessária. Por isso, eu optaria por utilizar a palavra ‘amigos’ que, em minha visão, engloba a todos.*” (202_PORT)

Essas respostas revelam uma crença na suficiência do masculino genérico. Aqui a ideia de fundo é que a língua portuguesa possui, quase que naturalmente, o masculino como forma genérica. Embora essa interpretação exista, atualmente, ela está em profunda discussão nos estudos linguísticos, já tendo sido evidenciado em diferentes oportunidades que o uso genérico do masculino acaba por invisibilizar outros grupos sociais (por ex., ERGUN, 2010). Além disso, estudos empíricos têm mostrado que o masculino genérico tende a ser interpretado como específico do gênero masculino (KAUFMAN; BOHER, 2014; KOLEK; SCHELLER-BOLTZ, 2019). Então, mais do que simplesmente descrever um funcionamento estrutural, os participantes se valem de uma determinada interpretação acerca da relação entre gênero gramatical e representação social.

Finalmente, o último subgrupo constrói sua argumentação mencionando o estranhamento fonético:

1. “*Não soa bem. Parece algo meio estranho de falar.*” (35_PORT)
2. “*É estranho de ler, dizer e ouvir.*” (31_ENG)
3. “*...considero a sonoridade ruim...*” (191_PORT)

Nesse conjunto de respostas, o foco recai sobre a sonoridade da forma e sobre o estranhamento provocado por sua pronúncia e/ou escuta. Os participantes ancoram sua percepção em uma dimensão estética da língua para justificar sua avaliação negativa. É

importante observar que essas respostas não permitem afirmar, por si só, a existência de uma dificuldade fonética concreta na realização de *-e*. O que os dados permitem visualizar é a percepção dos participantes de que a forma apresenta uma sonoridade pouco familiar ou pouco natural. Nesse sentido, o estranhamento pode se relacionar mais à novidade ou à baixa frequência no repertório dos participantes do que às propriedades fonéticas em si.

b) Atitudes negativas com argumentos sociais

A rejeição às formas não binárias com argumentos sociais é a categoria menos recorrente ($n=11$). Observamos especialmente duas subcategorias: autenticidade e exclusão paradoxal. Na subcategoria autenticidade, algo que nos chamou a atenção foi a presença de termos com valores semânticos negativos, como os seguintes:

1. *“Ridícula. Deve-se usar amigos que já engloba a todos.”* (135_PORT)
2. *“Nunca usaria amigos em uma frase não irônica, e acho ridículo pessoas que querem mudar a língua portuguesa por motivos políticos.”* (6_PORT)
3. *“...acho uma tentativa forçada de incluir todas as pessoas.”* (213_PORT)
4. *“... não passa de vaidade de alguns.”* (112_PORT)
5. *“Só usaria como forma de deboche.”* (153_PORT)
6. *“Ridículo, um absurdo, sem sentido e uma [forma de] forçar a barra de algo não natural.”* (136_PORT)

Como se vê, trata-se de julgamentos que não se fundamentam em argumentos de natureza descritivo-linguística, mas sobretudo em valorações que dizem respeito tanto às formas linguísticas em si, como em 1 e 6, quanto às práticas e aos sujeitos a elas associados, como se observa em 2, 3 e 4. Em 2, por exemplo, o participante caracteriza como “ridículas” as pessoas que defendem mudanças na língua por “motivos políticos”, enquanto, em 4, associa o uso da forma à “vaidade de alguns”. Além disso, algumas respostas atribuem à forma não binária funções discursivas específicas, como a ironia (1) e o deboche (4), sugerindo que, entre os participantes que se posicionam contrariamente ao seu uso, essas formas são associadas a intenções discursivas diferentes das daqueles que as usam para incluir pessoas que se identificam com o gênero não binário.

Na subcategoria exclusão paradoxal, usa-se o argumento da exclusão social para argumentar paradoxalmente contra uma forma apresentada como inclusiva:

1. *“Não considero o gênero neutro como gênero inclusivo, mas sim exclusivo, excluindo os surdos [da] linguagem de sinal e os cegos na leitura em braile.”* (173_PORT)

2. *“Acredito que as variações com ‘e’ e ‘u’ são uma forma de discriminação, principalmente entre os homoafetivos. Algo como uma homofobia reversa.”* (153_PORT)

Em 1, o falante estabelece uma relação entre o emprego do morfema *-e* e a exclusão de pessoas surdas e cegas. Essa associação parece revelar uma crença acerca da acessibilidade de determinadas estratégias de linguagem inclusiva. A menção a pessoas surdas e cegas parece ainda remeter a certas estratégias de linguagem inclusiva, como o emprego de @ e x, frequentemente associadas a limitações de acessibilidade, embora o participante estenda essa avaliação às formas em *-e*.

No excerto 2, por sua vez, o participante associa o uso de formas não binárias à discriminação, argumentando que essas formas permitiriam identificar, pelo uso da língua, pessoas que se identificam ou não como não binárias. Nesse caso, observa-se uma crença acerca da relação entre uso linguístico, identidade e discriminação, que se articula à dimensão cognitiva. Além disso, a avaliação do uso como “discriminatório”, revela uma sensação, associada à dimensão afetiva. As respostas mostram que, embora sejam claramente contrárias ao uso de formas não binárias, são construídas com base em argumentos que mobilizam justamente questões relacionadas à inclusão e à não discriminação de diferentes grupos sociais, adotando os mesmos parâmetros utilizados por quem defende o emprego da forma inovadora.

c) Atitudes negativas com argumentos sócio-políticos

Essa é a menor categoria do corpus, com apenas 6 respostas. Identificamos dois subgrupos. No primeiro deles, há rejeição por atribuição de motivação política e ideológica:

1. *“Eu acho que essa frase tem mais a ver com um movimento político do que qualquer coisa... acho ridículo pessoas que querem mudar a língua portuguesa por motivos políticos.”* (6_PORT)
2. *“...me parece uma reprogramação linguística a favor de ideologias que não subscrevo.”* (23_ENG)

As respostas revelam uma concepção segundo a qual política e língua constituiriam domínios relativamente separados, de modo que a intervenção de questões políticas ou ideológicas sobre a língua seria percebida como algo externo e, sobretudo, como uma ameaça a uma suposta neutralidade. Entretanto, sabe-se que a língua não se constitui como um sistema alheio às relações sociais e políticas. As formas linguísticas, seus usos, sua legitimação e sua estigmatização estão continuamente relacionados a processos históricos, sociais e ideológicos.

Nesse sentido, a oposição entre língua e política presente nas respostas permite identificar uma concepção acerca de como a língua deveria funcionar.

No segundo subgrupo, os participantes reconhecem a legitimidade da demanda política, mas tomam distância de seu uso:

1. *“...a forma neutra é uma tomada de posição política que, mesmo que não seja incorporada à língua no futuro próximo, acaba dizendo muito sobre a postura política e de inclusão do falante.” (225_PORT)*
2. *“Entendo a demanda política, compactuo com ela parcialmente, mas duvido que se torne algo de uso relativamente amplo. Não a uso porque acho essa história de ‘meus’ pronomes (o ponto de partida desses substantivos de gênero neutro) muito neoliberal pra meu gosto. Já que são pronomes pro outro usar, como eles podem ser seus?” (238_PORT)*

Diferentemente do subgrupo anterior, aqui a relação entre língua e política é reconhecida, mas não negada. O uso das formas não binárias é compreendido como uma prática capaz de revelar opções políticas e ideológicas dos falantes. Nesse sentido, é percebida como um marcador de posicionamento político. A dimensão cognitiva, nesses casos, revela-se relativamente negativa e leva a um comportamento também ele negativo, no qual se opta pela não utilização da forma inovadora.

4.3 Respostas ambíguas

Para a categoria de respostas ambíguas ($n=36$), obtivemos respostas que expressavam desconhecer explicitamente a palavra *amigues* (“*Eu não conheço essa palavra.*”, 193_PORT) ou ausência de opinião (“*Não tenho opinião.*”, 13_ENG). Houve também respostas que não foram compreendidas pelas pesquisadoras (“*Amigues é uma planta.*”, 90_PORT). De forma geral, elas não permitiram inferir uma atitude clara em relação às formas não binárias, sendo por isso excluídas da análise qualitativa das atitudes positivas e negativas.

4.4 Resumo dos resultados encontrados na análise qualitativa

Os resultados encontrados até aqui podem ser sintetizados no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2. Síntese dos resultados da análise qualitativa por categoria.

Categoria	Grupo	Subgroups
Principal		

Positivas	Argumentos linguísticos	Compreensibilidade/funcionalidade; lacuna estrutural; economia/universalização; mudança linguística
	Argumentos sociais	Inclusão; respeito à autoidentificação; identidade/prática cotidiana
	Com condicionamentos	Falta de hábito; contexto; estranhamento; dúvida sobre difusão
Negativas	Argumentos linguísticos	Inexistência no léxico; agramaticalidade; suficiência do masculino genérico; estranhamento fonético
	Argumentos sociais	Autenticidade/artificialidade; exclusão paradoxal
	Argumentos sociopolíticos	Enquadramento ideológico; reconhecimento da motivação política com distanciamento pessoal
Ambíguas		Desconhecimento; ausência de opinião; resposta não classificável

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

4.5 Análise das atitudes positivas e negativas através das variáveis idade, gênero, nível de instrução e relação com a língua portuguesa (L1, L2)

Nessa etapa do estudo, verificamos se há algum efeito de idade, gênero, nível de instrução e relação com a língua portuguesa (L1, L2) no tipo de resposta fornecida pelos participantes, excluindo as respostas ambíguas. Para isso, usamos o software R. Na tabela seguinte constam os resultados das atitudes positivas e negativas em relação ao gênero dos participantes:

Tabela 3. Distribuição dos gêneros das respostas positivas e negativas quanto às formas não binárias. *n* indica a frequência absoluta, seguida da respectiva porcentagem entre parênteses. Um dos participantes desta análise não declarou seu gênero.

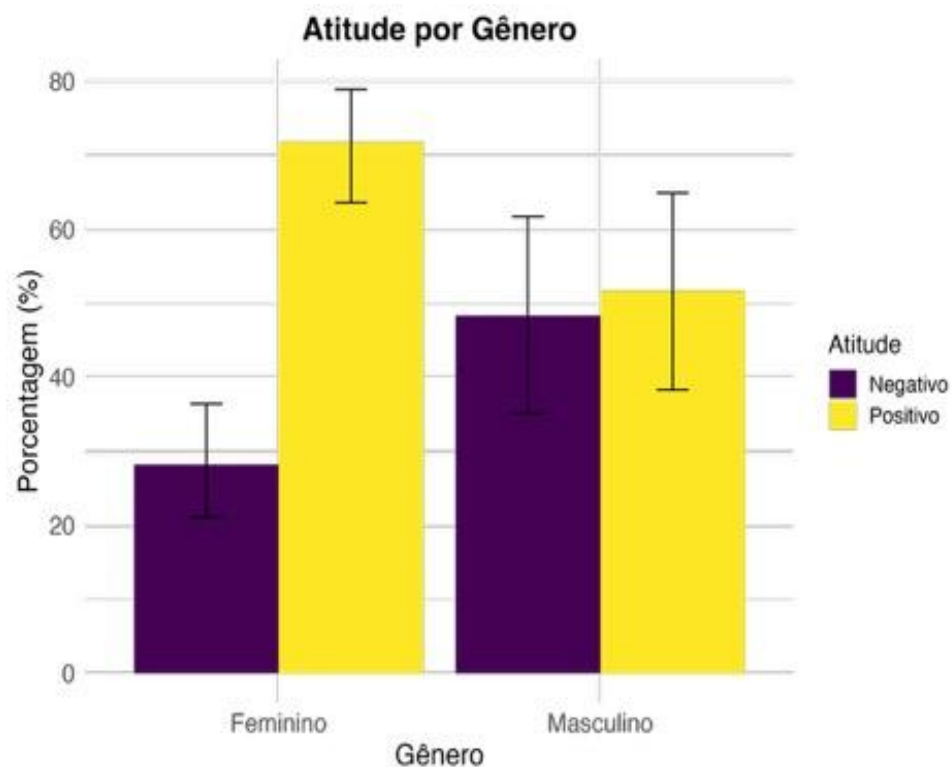
Gênero	Positivo <i>n</i> (%)	Negativo <i>n</i> (%)	Total <i>n</i>
Feminino	102 (71,8)	40 (28,2)	142
Masculino	30 (51,7)	28 (48,3)	58
Não binário	8 (100)	0 (0)	8
Em questionamento contínuo	1 (100)	0 (0)	1
Prefiro não dizer	1 (50)	1 (50)	2

Fonte: elaborada pelas autoras (2026).

Como mostram a Tabela 3 e o Gráfico 1, participantes que se declararam do gênero feminino demonstraram atitudes consideravelmente mais positivas que os do gênero masculino em relação às formas não binárias (71,8 % vs. 51,7%, respectivamente). Dentro do grupo feminino, há uma clara disparidade entre as respostas positivas e negativas, com maior ocorrência das primeiras (71,8% vs. 28,2%). Já no grupo masculino, a distribuição mostrou-se bem mais equilibrada entre as duas valências: 51,7% de atitudes positivas e 48,3% de atitudes negativas; uma diferença pequena (3,4%), indicando que, entre os homens, não há uma tendência clara de aceitação ou rejeição da forma. Os participantes não binários ($n=8$) são unanimemente positivos, embora a amostra seja pequena para grandes generalizações estatísticas.

Para investigar se as diferenças encontradas nas atitudes positivas e negativas em relação ao gênero são estatisticamente significativas, restringimos essa análise aos gêneros feminino e masculino devido ao pequeno número de respondentes não binários.

Gráfico 1. Porcentagem de atitudes positivas e negativas expressas nas respostas analisadas, segundo o gênero dos participantes (feminino, masculino). As barras de erro representam o intervalo de confiança de 95% para cada proporção.

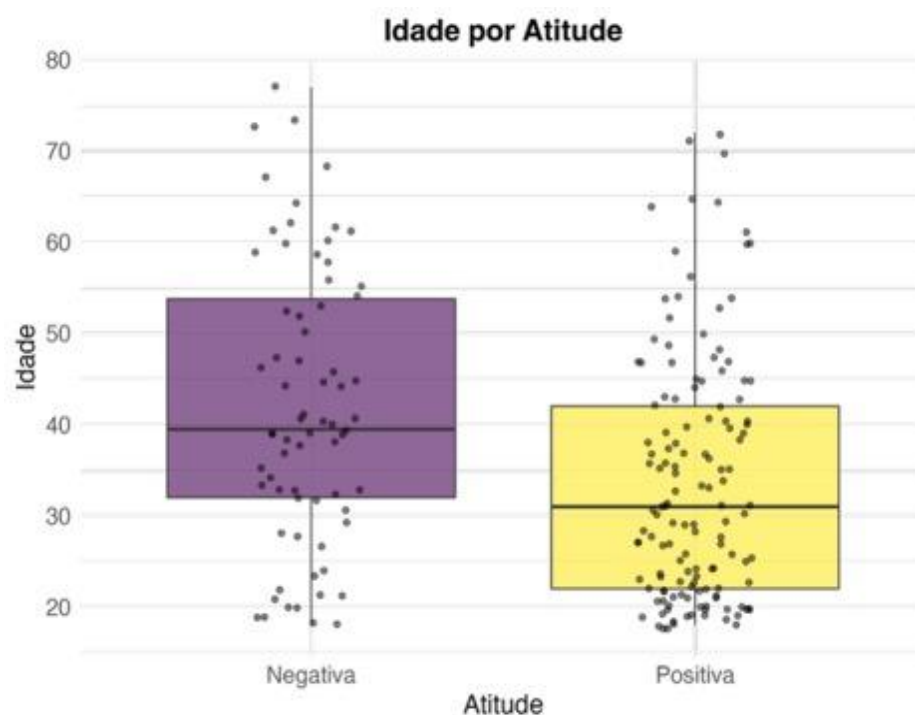


Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Para confirmar se há uma associação significativa entre gênero (feminino, masculino) e o tipo de atitude (positivo, negativo), usamos o teste exato de Fisher. O teste confirmou que essa diferença é estatisticamente significativa ($p = 0,008$). Cabe ressaltar, no entanto, que a amostragem por *snowball sampling* utilizada nesta pesquisa limita a generalização desse resultado à população mais ampla, devendo o achado ser interpretado como um padrão robusto dentro deste conjunto específico de dados.

A seguir, analisamos o efeito da variável contínua idade.

Gráfico 2. Distribuição da idade dos participantes segundo o tipo de atitude (positiva, negativa). Cada ponto representa a idade de um participante. A linha central em cada caixa representa a mediana; os limites da caixa indicam o primeiro e terceiro quartis (intervalo interquartil).



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O Gráfico 2 apresenta a distribuição de idade dos participantes segundo o nível de atitude (positivo, negativo). Observa-se que o grupo com atitude positiva apresenta idade consideravelmente menor ($\bar{x} = 33,7$ anos) do que o grupo com atitude negativa ($\bar{x} = 41,9$ anos). A caixa (intervalo interquartil) do grupo positivo concentra-se entre 22 e 42 anos, enquanto a do grupo negativo se estende de 32 a 53,8 anos, evidenciando um deslocamento visual claro

de toda a distribuição em direção a idades mais avançadas entre os participantes com atitude negativa. A Tabela 4 mostra as estatísticas descritivas dessa análise.

Tabela 4. Detalhes dos dados da idade dos participantes segundo a atitude expressa (positiva ou negativa) em relação às formas não binárias. n é a frequência; $\bar{x}$ é a média; DP é o desvio padrão; Min é a idade mínima; Max é a idade máxima; Q1 é o primeiro quartil; Q3 é o terceiro quartil; % é a porcentagem de participantes em relação ao total da amostra ($n=212$).

Atitude	n	$\bar{x}$	Mediana	DP	Min	Max	Q1	Q3	%
negativa	70	41,9	39.5	15,4	18	77	32	53.8	33
positiva	142	33,7	31	13,4	18	72	22	42	67

Fonte: elaborada pelas autoras (2026).

Como observado na Tabela 4 e no Gráfico 2, participantes com atitude positiva apresentaram idade mediana consideravelmente menor (31 anos) do que participantes com atitude negativa (39,5 anos). Dado que o Teste de Shapiro-Wilk indicou que a distribuição de idade não segue normalidade em nenhum dos dois grupos (positivo: $p < 0,001$; negativo: $p = 0,043$), foi utilizado o Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney para comparar as distribuições. O resultado confirmou uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos de atitudes ($W = 6301$, $p = 0,00022$).

Para a análise da variação instrução e seus possíveis efeitos nas categorias de atitudes (positivas e negativas), foi primeiro criada a Tabela 5 com os dados descritivos para comparação.

Tabela 5. Distribuição dos níveis de instrução entre as respostas positivas e negativas.

Instrução	Positivo n (%)	Negativo n (%)	Total n
Ensino Fundamental	1 (100)	0 (0)	1
Ensino Médio	13 (76,5)	4 (23,5)	17
Faculdade/Universidade	70 (68)	33 (32)	103
Mestrado	21 (55,3)	17 (44,7)	38
Doutorado	37 (69,8)	16 (30,2)	53

Fonte: elaborada pelas autoras (2026).

É interessante observar que a progressão descrita na Tabela 5 não é linear: a positividade é bem alta para o Ensino Médio (76,5%), cai progressivamente até o Mestrado (55,3%) e volta

a subir no doutorado (69,8%), demonstrando uma curva na aceitação. No entanto, um Teste Exato de Fisher não indicou associação estatisticamente significativa entre nível de instrução e tipo de atitude ($p = 0,3638$), sugerindo que essa variação observada pode ser atribuída, pelo menos em parte, à variabilidade amostral e não necessariamente a um padrão robusto na população.

Finalmente, foi verificado se a relação com a língua portuguesa (como língua materna ou como língua adicional) produziu algum efeito nas atitudes positivas e negativas. A Tabela 6 apresenta a distribuição das respostas para essa variável. Para uma representação visual dessa distribuição, veja o gráfico no Material Suplementar Online.

Tabela 6. Distribuição das respostas positivas e negativas de acordo com a relação dos participantes com a língua portuguesa (L1, L2).

	Tipo	<i>n</i>	%	IC (Lower)	IC (Upper)	Total
L1	Positivo	119	66,1	58,6	72,9	180
	Negativo	61	33,9	27,1	41,4	
L2	Positivo	23	71,9	53,0	85,6	32
	Negativo	9	28,1	14,4	47,0	

Fonte: elaborada pelas autoras (2026)

É interessante observar que, em termos de porcentagens, os dois grupos se aproximam, não demonstrando diferenças acentuadas. Um teste exato de Fisher não indicou diferença estatisticamente significativa entre L1 e L2 em relação ao tipo de atitude ($p = 0,6837$). Cabe notar que o grupo L2 ($n=32$) apresenta amostra consideravelmente menor que o grupo L1 ($n=180$), resultando em intervalos de confiança mais amplos (Tabela 6), o que pode ter limitado o poder estatístico para detectar diferenças mais sutis entre os grupos.

Em síntese, das quatro variáveis analisadas, idade e gênero apresentaram associação estatisticamente significativa com a atitude expressa em relação às formas não binárias nas respostas do questionário. Tabela 7 apresenta uma síntese geral com os resultados dos testes:

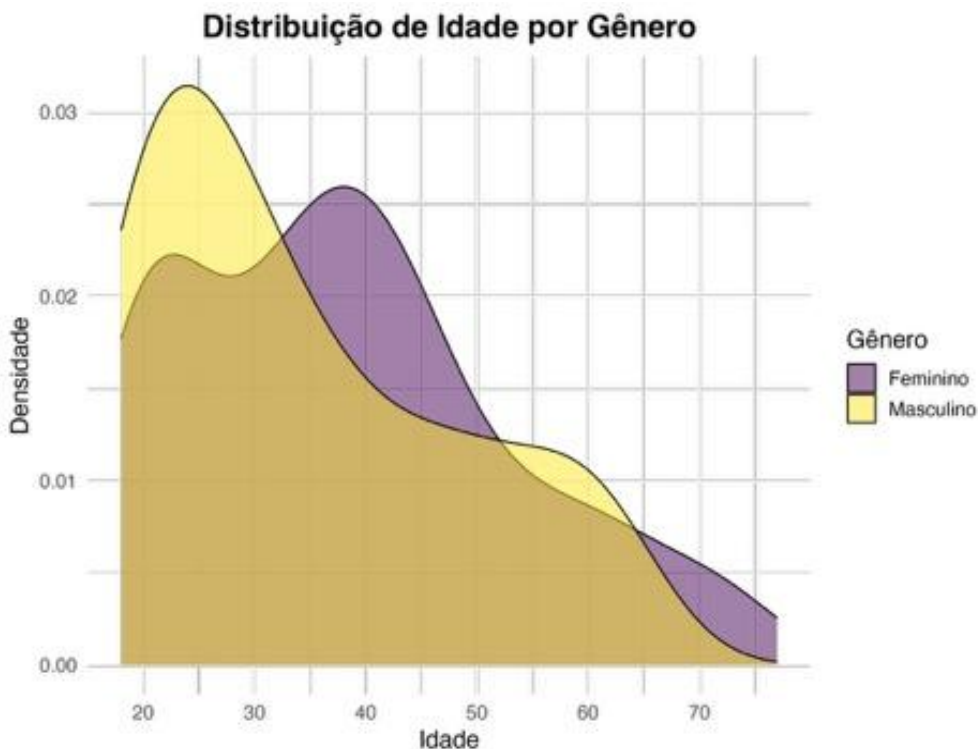
Tabela 7. Síntese dos testes estatísticos realizados para verificar associação entre as variáveis demográficas e o tipo de atitude (positiva, negativa). ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; ausência de asterisco indica resultado não significante ($p > 0,05$).

Variável	Teste	<i>p</i>
Idade	Wilcoxon	< 0,0002***
Gênero	Fisher	0,008**
Instrução	Fisher	0,3638
L1/L2	Fisher	0,6837

Fonte: elaborada pelas autoras (2026)

Há uma possibilidade de que o grupo mais jovem seja composto majoritariamente pelo gênero feminino, o que configuraria um resultado de *confounding*, isto é, as duas variáveis estariam se sobrepondo. O Gráfico 3 mostra a distribuição do gênero ao longo da idade (variável contínua) e revela que, na verdade, o padrão observado é o oposto do esperado: para os mais jovens, há uma proporção relativamente maior de participantes do gênero masculino em comparação às faixas etárias mais velhas.

Gráfico 3. Distribuição de idade dos participantes segundo o gênero (feminino, masculino). As curvas representam a densidade estimada da distribuição de idade em cada grupo.



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Para verificar se os efeitos de idade e gênero eram independentes entre si, foi ajustado um modelo de regressão logística com ambas as variáveis como preditoras simultâneas da

atitude (positiva, negativa). Os resultados confirmaram que ambos os efeitos permanecem estatisticamente significativos quando analisados conjuntamente: idade ($p = 0,000134$) e gênero feminino em relação ao masculino ($p = 0,002286$). Portanto, idade e gênero constituem preditores independentes entre si, validando os resultados já encontrados anteriormente.

5. Discussão e considerações finais

Este estudo teve como objetivo dar resposta à seguinte pergunta de investigação: (PP) Quais as atitudes os participantes expressam em relação ao uso de formas não binárias no português brasileiro (por ex., *amigues*)? Para tanto, buscou-se identificar, a partir das justificativas oferecidas a uma questão aberta contida em um questionário mais amplo, os pensamentos, as crenças, os sentimentos e os comportamentos frente ao morfema inovador -e.

Os resultados evidenciam a predominância de posicionamentos positivos, sustentados por argumentos de natureza linguística e social, embora parte dos participantes condicione sua aceitação ou uso a fatores como hábito, contexto comunicativo, estranhamento ou expectativa de difusão. Os posicionamentos negativos, por sua vez, articulam argumentos linguísticos, sociais e sociopolíticos, mobilizando concepções relacionadas à inexistência ou à agramaticalidade das formas, à suficiência do masculino genérico, à artificialidade ou discriminação a grupos minoritários e à associação das formas a determinados posicionamentos ideológicos. As respostas ambíguas, por fim, correspondem a manifestações de desconhecimento, ausência de opinião ou impossibilidade de classificação. Em conjunto, esses resultados mostram que as avaliações das formas não binárias não se organizam em uma oposição simples entre aceitação e rejeição, mas envolvem diferentes concepções sobre a língua, seus usos e suas relações com questões sociais e identitárias.

Os dados também mostram que avaliação positiva e uso não são necessariamente coincidentes. Embora algumas respostas com crenças e sentimentos positivos em relação às formas contenham também manifestação de predisposição para utilizá-las, outras revelam aceitação acompanhada de estranhamento, falta de hábito ou restrições contextuais que obstaculam seu uso. Os resultados reforçam a necessidade de compreender as atitudes linguísticas como um fenômeno multidimensional, no qual dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais se relacionam, mas não se determinam de maneira categórica.

Esses achados diferem dos resultados obtidos em nossa investigação anterior sobre compreensão, aceitação e uso das formas NB (OSBORNE; FRANGIOTTI, 2025), na qual não foram observadas associações estatisticamente significativas com as variáveis idade e gênero. Na presente análise, por outro lado, as atitudes positivas mostraram-se significativamente

relacionadas ao gênero feminino e à população mais jovem, sendo que, curiosamente, essa faixa etária é composta majoritariamente pelo gênero masculino. O fato de esse efeito ter sido capturado apenas na análise qualitativa dos dados sugere que a inclusão de perguntas discursivas em uma pesquisa pode contribuir para ampliar a compreensão dos fenômenos investigados, ao permitir que os participantes explicitem crenças e avaliações que poderiam não ser captadas por questões de múltipla escolha.

Este estudo contribui para ampliar a investigação empírica sobre as formas não binárias no português brasileiro e aponta para a necessidade de pesquisas futuras que examinem seu uso efetivo em diferentes contextos comunicativos. Nesse sentido, consideramos que investigar as formas não binárias do português brasileiro sob uma perspectiva empírica constitui uma contribuição relevante não apenas para a Linguística, mas para o debate público mais amplo sobre linguagem e diversidade de gênero. Em um contexto marcado por posicionamentos frequentemente pautados por ideologias, a produção de conhecimento fundamentado em dados sistematicamente coletados e analisados torna-se especialmente necessária. Ao analisar a multidimensionalidade das atitudes linguísticas frente ao fenômeno não binário, o debate é qualificado, oferecendo subsídios empíricos que permitem compreender sua complexidade e não apenas julgar os usos linguísticos emergentes. Esperamos, assim, poder estar contribuindo com a construção de um debate mais informado e com o reconhecimento da legitimidade das experiências e identidades que essas formas buscam representar.

Conflito de Interesse

Os autores declaram não existir conflitos de interesse neste trabalho.

Link para *Preprint*

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados, códigos e demais materiais que sustentam os achados deste estudo estão disponíveis sob solicitação, em um drive institucional mantido pelas autoras.

Declaração de uso de inteligência artificial

Após a redação completa do manuscrito, as autoras utilizaram a ferramenta Claude (modelo Claude Sonnet 5, Anthropic) com a finalidade exclusiva de realizar a revisão gramatical e aprimoramento estilístico do texto final. As autoras revisaram criticamente todas as alterações

sugeridas pela ferramenta, mantendo total responsabilidade pela precisão, integridade e conteúdo científico do trabalho.

Contribuição de autoria

Dra. Denise Maria Osborne: conceituação, metodologia, análise formal, curadoria de dados, escrita: rascunho original, revisão e edição, visualização.

Dra. Grazielle Altino Frangiotti: conceituação, metodologia, escrita: rascunho original, revisão e edição, visualização.

Ética

Os procedimentos éticos seguiram as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (*Institutional Review Board for Human Participants*, IRB). O número do protocolo é IRB0149051.

Agradecimentos

Somos muito gratas às pessoas que participaram deste estudo e generosamente contribuíram com seu tempo e suas percepções para esta pesquisa.

Material Suplementar Online

Materiais suplementares podem ser acessados na plataforma Open Science Framework (OSF) através do seguinte link anônimo:

https://osf.io/j3bta/overview?view_only=e7197184f95a4f90964720609aa716ad

Todos os gráficos do artigo utilizam paletas de cores adequadas para pessoas daltônicas.

Referências

AHMED, Sirwan Khalid; MOHAMMED, Ribwar Arsalan; NASHWAN, Abdulqadir J.; IBRAHIM, Radhwan Hussein; ABDALLA, Araz Qadir; AMEEN, Barzan Mohammed M.; KHDHIR, Renas Mohammed. Using thematic analysis in qualitative research. **Journal of Medicine, Surgery, and Public Health**, v. 6, p. 100198, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.glmedi.2025.100198>.

BALDEZ, Diovana da Silveira. Todes elus: uma análise sociolinguística sobre o emprego do gênero neutro no Twitter. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 14, n. 31, p. 39–55, mai./ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v14i31.p39-55>.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 18/1, p. 102–131, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p102>.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CARVALHO, Danniell. Atitudes e percepções sobre linguagem inclusiva e pronomes não-binários: um estudo diagnóstico com falantes brasileiros. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 46, e70877, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v46i2.70877>.

DE PAOLI, Stefano. Performing an inductive thematic analysis of semi-structured interviews with a large language model: an exploration and provocation on the limits of the approach. **Social Science Computer Review**, v. 42, n. 4, p. 997–1019, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/08944393231220483>.

ERGUN, Emek. Bridging across feminist translation and sociolinguistics. **Language and Linguistics Compass**, v. 4, n. 5, p. 307–318, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00208.x>.

FREITAG, Raquel. **Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

GILES, Howard; RYAN, Ellen Bouchard; SEBASTIAN, Richard J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: RYAN, Ellen Bouchard; GILES, Howard (Ed.). **Attitudes towards language variation: social and applied context**. London: Edward Arnold, 1982. p. 1–19.

HISING, Ederson. ‘Amigue’, ‘todes’: Lula sanciona lei que proíbe uso de linguagem neutra na administração pública. **Estadão**, São Paulo, 18 nov. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/lula-sanciona-lei-que-proibe-uso-de-linguagem-neutra-na-administracao-publica-npr/>. Acesso em 7 set. 2026.

KAUFMANN, Christiane; BOHNER, Gerd. Masculine generics and gender-aware alternatives in Spanish. **IZGOnZeit**, v. 3, n. 1, p. 8–17, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4119/izgonzeit-1310>.

KNISELY, Kris Aric. Gender-justice beyond inclusion: How trans knowledges and linguistic practices can and should be re-shaping language education. **The Modern Language Journal**, v. 107, n. 2, p. 607–623, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1111/modl.12871>.

KOLEK, Vit; SCHELLER-BOLTZ, Dennis. The use and perception of masculine generics in Czech, German, and Polish: A cognitive study. **Wiener Slawistischer Almanach**, n. 84, p. 235–249, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5282/7cgxvb61>.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORNING SHOW. ‘Todes’ e ‘Amigues’: o que esperar da linguagem neutra na cultura. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (22 min). Publicado pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJq-wDFNGOc/>. Acesso em: 7 set. 2026.

NADERIFAR, Mahin; GOLI, Hamideh; GHALJAIE, Fereshteh. Snowball sampling: A purposeful method of sampling in qualitative research. **Strides in Development of Medical Education**, v. 14, n. 3, e67670, 2017.

OSBORNE, Denise Maria; FRANGIOTTI, Grazielle Altino. Comprehension, acceptance and usage of nonbinary forms among Portuguese speakers. **Revista da ABRALIN**, v. 24, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2313>.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2025. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 1 ago. 2026.

VERBI SOFTWARE. **MAXQDA** (Version 26) [software]. Berlin: VERBI Software, 2026. Disponível me: <https://www.maxqda.com>. Acesso em: 1 jul. 2026.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.